

cessando de circular em 1898, quando José Veríssimo ingressou no *Jornal do Comércio* — ano em que publicou, aliás, a página de Machado de Assis, “O Velho Senado”, recordações de seu tempo de repórter parlamentar, página antológica, depois incorporada ao volume das *Páginas Recolhidas* — mas exerceu grande influência, no tempo<sup>(181)</sup>. Em sua redação surgiu a idéia de fundação da Academia Brasileira de Letras, que se concretizou no ano seguinte, depois de muitos debates. A primeira reunião do cenáculo ocorreu a 15 de dezembro de 1896 e Machado de Assis foi aclamado presidente. Aluísio Azevedo estava publicando em rodapé de *O País*, o romance *O Coruja*, personagem em que alguns viam Capistrano de Abreu, e ilustrava com os seus desenhos o *Figaro*, de Medeiros e Albuquerque, a *Comédia Popular* e o *Mequetrefe*, então dirigido por José do Patrocínio.

Em 1896, ocorreu a *Questão do Protocolo*, que ocupou as colunas dos jornais e os debates parlamentares. Nestor Pestana ingressou no *Estado de São Paulo*, que deixaria por algum tempo, para fundar, com Vicente de Carvalho, em Santos, *O Jornal*, e, em S. Paulo, logo depois, *A Notícia*, a cuja frente ficaria Pedro de Toledo. Regressando à casa antiga, assumiu as funções de secretário, em que permaneceu por muitos anos. A tiragem do *Estado de São Paulo* era, então, de 8000 exemplares. Nesse ano, os jornais monarquistas estavam novamente ativos: Eduardo Prado e Afonso Arinos redigiam o *Comércio de São Paulo*; no Rio, dirigido por Cândido de Oliveira, circulava *O Libertador*, que tinha na redação Carlos de Laet, o general Cunha Matos, Luís Bezamat, o conselheiro Basson, Afonso Celso e outros; a *Gazeta da Tarde*, propriedade de Gentil de Castro; e *A Liberdade*, em que Castro era gerente. O florianismo não estava ainda extinto, como provava a circulação, desde 1894, do *Jacobino*, a virulenta folha de Deocle-

(181) Machado de Assis pode perfeitamente ser situado como jornalista, pois trabalhou na *Marmota*, no *Correio Mercantil* e no *Diário do Rio de Janeiro*. Foi colaborador de jornais praticamente a vida inteira. Neles deixou quase todas as suas obras: as páginas das *Crônicas* saíram no *Espelho* (1859), no *Diário do Rio de Janeiro* (1861-1867), no *Futuro* (1862-1863), na *Semana Ilustrada* (1872-1873), na *Ilustração Brasileira* (1876-1878), no *Cruzeiro* (1878) e na *Gazeta de Notícias* (1884-1888); os artigos do volume *Crítica Teatral* apareceram, desde 1859, em vários jornais: o *Espelho*, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Cruzeiro*, a *Revista Brasileira*; os do volume *Crítica Literária* foram publicados entre 1858 e 1906, na *Marmota*, no *Diário do Rio de Janeiro*, na *Semana Ilustrada*, no *Novo Mundo*, no *Correio Mercantil*, no *Cruzeiro*, na *Revista Brasileira* (2ª e 3ª fases), na *Gazeta de Notícias*; as histórias reunidas no volume *Contos Fluminenses* apareceram no *Jornal das Famílias* (1864-1878), e na *Estação* (1884-1891); os das *Histórias Românticas*, no *Jornal das Famílias* (1874-1876); os das *Relíquias de Casa Velha*, no *Jornal das Famílias* (1874-1878), na *Estação* (1881-1884) e no *Futuro* (1862); as crônicas do volume *A Semana* saíram na *Gazeta de Notícias* (1892-1897 e 1900). O mesmo aconteceu com alguns de seus romances. No *Correio Mercantil*, a 22 de fevereiro e a 1º de março de 1868, apareceram as cartas de Machado de Assis e de José de Alencar sobre Castro Alves. Em março de 1897, Machado de Assis foi substituído por Olavo Bilac, como cronista da *Gazeta de Notícias*.